

**PALAVRA E PODER EM LÉXICO, DE MAX BARRY**

**WORD AND POWER IN LEXICON, BY MAX BARRY**

Antonio Adailton Silva<sup>1</sup>  
Lianja Soares Aquino<sup>2</sup>

**RESUMO**

As relações de poder entre indivíduos ou grupos passam, inevitavelmente, pela competência no uso da palavra. A palavra, mais do que um mero instrumento social de comunicação, pode ser considerada uma ferramenta para medir forças com o outro, tendo em vista o alcance de algum objetivo. Na obra *Léxico*, de Max Barry, esta significação é levada ao extremo. Em uma academia, crianças e adolescentes são ensinados a controlar seus interlocutores a partir da identificação e classificação de personalidades. Nesta escola, todas as ciências são estudadas com um único fim: exercer poder sobre o outro usando palavras. O objetivo do artigo é refletir sobre o poder proporcionado pelo domínio do léxico, e sobre o lugar da escola como formadora de usuários da palavra. A análise aponta para duas situações. Primeiro, o potencial das escolas para preparar os alunos com vistas a amplificar seu domínio no emprego do léxico, fazendo uso de todas as ciências, transdisciplinarmente; segundo, o fato de os resultados produzidos pelos estudos formais realizados na escola não fazerem uma significativa diferença em comparação ao domínio adquirido informalmente pelos alunos no meio social. A análise é embasada nas ideias de autores como Foucault (poder e discurso) e Bourdieu (campo).

**Palavras-chave:** Discurso; Ensino; Literatura; Palavra; Poder.

**ABSTRACT**

The relations of power between individuals or groups inevitably pass through the competence in the use of the word. Word, more than a mere social instrument of communication, can be considered a tool to measure forces with the other, in view of the achievement of some objective. In Max Barry's *Lexicon*, this significance is taken to the extreme. In a school children and adolescents are taught to control their interlocutors from the identification and classification of personalities. There, all sciences are studied with one aim: to exercise power over the other using words. The purpose of the article is to reflect on the power provided by the lexical domain, and on the school as a formator of the word users. The analysis points to two situations. First, the potential of schools to prepare students to amplify their mastery over the usage of lexicon, making use of all sciences, transdisciplinarily; Second, the fact that

---

<sup>1</sup> Doutor em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil; adayltons@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, Araguaína, Tocantins, Brasil; lianjja@gmail.com.

the results produced by the formal studies carried out in the school did not make a significant difference in comparison to the domain acquired informally by the students in the social environment. The analysis is based on the ideas of authors like Foucault (Power and discourse), and Bourdieu (field).

**Keywords:** Discourse; Literature; Power; Teaching; Word.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo “palavra” vem do latim vulgar *parabola*, que significa discurso ou fala. *Parabola* tem a sua raiz etimológica na palavra *parabole* que é a junção de *para* (ao lado) e *ballein* (atirar ou jogar). No dicionário de língua portuguesa “palavra” é um substantivo feminino que significa “conjunto de sons ou letras de uma língua, que, juntos, têm um significado. Discurso falado ou escrito” (Houaiss, 2010, p. 325).

Pensar a linguagem verbal como um conjunto de palavras que os usuários carregam de sentidos, por cuja combinação são empreendidas negociações constantes entre locutor e interlocutor num sistema de interações, leva a repensar o uso que se faz dessa ferramenta em instâncias como a escola, onde o ensino da língua é ofertado de modo planejado. Intui-se que a escola é o lugar de familiarização com uma linguagem ulterior à dos lugares sociais de onde provêm os alunos, tendo em vista a efetivação da comunicação escolar, e cujo léxico, uma vez adquirido, empodera os usuários para interpretar com maior acuidade os discursos que circulam na sociedade. Assim, tal conhecimento pode e deveria ser estendido para práticas em situações fora da escola.

Pensando em contextos de enunciação e produção de sentidos, e no poder que têm as palavras, este trabalho analisa e discute a obra literária *Léxico*, de Max Barry, à luz das ideias de Foucault e Bourdieu, a respeito dos temas poder, discurso e campo. Objetiva-se refletir sobre o poder da palavra no contexto escolar da obra e em contexto escolar não ficcional, com desdobramentos na sociedade. Busca-se fomentar uma discussão sobre o uso satisfatório das palavras para interações comunicacionais cotidianas, indo além: pensar a língua como esse conjunto de palavras estruturadas de que sujeitos se apropriam, e reproduzem através de discursos sobre os quais normalmente não se tem autonomia, e de como Barry trata desse tema.

Na obra, Emily, uma garota de dezesseis anos de idade, que vive nas ruas de São Francisco, na Califórnia, é recrutada por uma organização, em cuja academia educa crianças e adolescentes para desenvolverem a capacidade de persuadir (comprometer) pessoas por meio do uso de palavras.

Yeats, o líder da organização, tira proveito do fato de Emily ser instável e vulnerável emocionalmente e, após comprometê-la, envia-a para realizar um teste de destruição em massa em Broken Hill, cidade no interior da Austrália com pouco mais de três mil habitantes. A arma usada na missão é denominada palavrárida, um objeto de madeira preta petrificada com uma inscrição. Olhar para a inscrição deixa qualquer pessoa à mercê do seu portador. A exceção é Harry Wilson, namorado de Emily, pois ele é imune.

O que é uma palavra e o que se pode fazer com palavras são duas questões presentes nesse romance de Max Barry. Na obra, as palavras são alçadas a um nível de possibilidade quanto ao seu uso que extrapola o simples ato comunicacional, que é o emprego corriqueiro realizado pelo cidadão comum. Ficcionalmente ou não, elas são ferramentas de poder cujo uso é aprendido socialmente, sem que os usuários, muitas vezes, se deem conta de que se trata efetivamente de um poder, o qual pode ser amplificado quando a língua é explorada em estudos com base científica.

A obra convida a refletir sobre o amplo poder proporcionado pelo léxico. Um poder que atua em nível neuroquímico, pois as palavras de um código linguístico qualquer, uma vez pronunciadas diante de outro usuário, alteram o seu estado neuronal, e levam o interlocutor a produzir significados e respostas em forma de ação, mais do que apenas linguisticamente. Nesse sentido, a análise dessa obra ficcional busca contribuir com reflexões acerca do poder da palavra, observando que nas diferentes situações de ensino-aprendizagem os enunciados, tanto do professor quanto dos manuais didáticos, podem ser usados como ferramentas capazes de construir sujeitos segundo o desejo dos grupos cuja pretensão é alcançar, manter ou recuperar a hegemonia.

## 2 A PALAVRA COMO FERRAMENTA DE CONTROLE

Embora alguns usuários de uma língua consigam usar o léxico como uma ferramenta para controlar, persuadir, dominar, levando o interlocutor a executar ações sem grande resistência, a maioria não consegue alcançar um domínio do léxico do próprio idioma e das diversas possibilidades de seu uso de forma racional e razoavelmente consciente do seu poder para além do trivial.

Em *Léxico*, assim como na vida real, muitas pessoas podem ser consideradas incluídas e ao mesmo tempo marginalizadas no que concerne à linguagem verbal. Incluídas porque conhecem e usam o seu idioma. Marginalizadas porque não se dão conta do quanto deixam de dominar sobre as competências linguísticas, enunciativas e persuasivas com que se pode usar a língua.

O que se desdobra, a partir deste fato, é uma relação vertical e muito desigual entre esses dois grupos de indivíduos: os que aprendem e usam a língua de forma mais corriqueira, socialmente, apenas para efeito de comunicação e negociação de sentidos de forma simples; e os que estudam a língua em profundidade, cientificamente, entendendo que se trata de um instrumento de poder, cujo uso pode ser aprimorado, e dele pode ser tirado um proveito maior do que o que aparenta ter, ou que sequer aparenta ter.

A título de exemplo, extraído da literatura, citem-se os personagens Fabiano e Seu Tomás da Bolandeira, do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, pois essa narrativa reflete com grande propriedade o comportamento de homens explorados, resignados, e de seus opressores.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo. Seu Tomás da Bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam? (Ramos, 2006, p. 22-23).

A obra *Vidas Secas* prima pelo discurso econômico, e pela presença de personagens que constituem representações de pessoas em relações de poder extremamente verticais. Em suas conjecturas, Fabiano demonstra a concepção do homem iletrado, pobre em palavras e desprovido de meios de produção. Para ele, é

esquisito um “patrão” ser cortês. A correta referência quanto às atitudes de um homem “remediado”, para ele, é o patrão branco que o explora:

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (Ramos, 2006, p. 23).

Nas palavras de Fabiano, apesar de estranhar a postura de Seu Tomás da Bolandeira diante dos seus empregados, há a consciência de que, mesmo censurando tais maneiras, o povo obedecia àquele homem que “falava bem”. Quanto ao outro, que lhe tratava aos gritos, recebia a promessa de obediência. Contudo, a promessa não se concretizava na prática, pois as palavras, apesar de gritadas, não convenciam, isto é, não comprometiam.

Palavras, para os que agem conforme o senso comum, costumam ser vistas apenas como um recurso para lidar com informações, para levar informações a algum interlocutor. Mas a obra de Barry, de forma ficcionalizada, demonstra que é possível aprender a fazer um uso da língua para muito além do mero processo comunicacional. Tal uso passa pela compreensão de que existem diversos tipos, categorias ou segmentos de personalidade. Ao identificar a personalidade do interlocutor, basta fazer uso das palavras apropriadas, específicas para este segmento, e o indivíduo poderá ser colocado sob controle. A ficção, na verdade, não está tão distante do que acontece na vida real, haja vista os estudos realizados na área da neurolinguística:

Por trás de toda ação existe uma razão, um motivo para agirmos. Se buscamos gerar uma mudança no comportamento de uma pessoa, ou seja, na sua atuação, precisamos compreender primeiramente o motivo da pessoa agir da forma que age, o modelo de mundo dessa pessoa, o que chamamos de modelos mentais (SBPNL, 2017, Online).

Na perspectiva da análise do discurso, analisa-se o que um sujeito enunciou para saber quem ele é, de que lugar ele fala, quais as suas intenções, a sua ideologia; pois o sujeito do discurso não é ideal nem abstrato, “mas um sujeito

concreto, histórico, porta-voz de amplo discurso social” (Brandão, 2004, p. 104). Na proposta aventada em *Léxico*, analisa-se o sujeito para decidir o que lhe dizer, colocando-o sob controle, de modo que não oponha resistência aos comandos do controlador. Nesse caso, aquele a quem se deseja controlar precisa falar, se expor, se abrir, e revelar tantos aspectos quanto for possível sobre si mesmo e de suas relações com o mundo. Analisando o discurso deste modo, além de gerar conhecimento sobre quem o sujeito é, abre-se caminho para o exercício do controle sobre ele.

Emily, personagem central de *Léxico*, tentando descobrir quem seriam os agentes da organização chamados psicógrafos, os quais atuam em um departamento chamado Labs, com os quais dialoga apenas por meio de texto eletrônico, faz algumas conjecturas. Para aprimorar suas habilidades, exercita-as no trem:

Ela mantinha um bloco de papel e anotava sílabas que percebia que eram usadas mais frequentemente por um psicógrafo do que por outro. No trem, prestava atenção aos desvios do natural. Separava as palavras que conhecia, à procura de padrões. Ficou surpresa com o quanto eram óbvias. Liberais usavam muitas vogais anteriores. Autoritários abusavam das fricativas. Ela desenvolvia palpites a partir de jornais, TV e sites, seguia um representante apropriado, num bar, na igreja ou no mercado, e tentava sacar as coisas dele. Como um arrombador de cofres ouvindo o mecanismo do segredo. *Clii. Cliq. Clique* (Barry, 2015, p. 223).

Percebe-se que a obra coloca com clareza que cada pessoa, ao se manifestar linguisticamente, produz marcas, sinais que, bem observados, revelam muito sobre um indivíduo ou grupos de indivíduos e instituições a que pertencem ou frequentam. Tal conhecimento sobre o outro é o primeiro passo para pensar formas de escolher palavras e empreender um discurso com maior possibilidade de fazê-lo agir de uma determinada forma, ou deixar de agir de outra.

Dessa forma, o mapeamento e o conhecimento das palavras, selecionadas e empregadas em conformidade com o segmento alvo, são usadas intencionalmente para que alterem o estado neuronal do interlocutor, tornando-o menos suscetível a resistência. Assim, ele tende a executar os comandos que lhe são dirigidos. Isso ocorreria porque diferentes cérebros chegam a diferentes decisões usando processos muito próprios. O personagem Eliot tenta explicar:

Palavras não são apenas sons ou formas. São significados. É isso que é a língua, um protocolo para transferência de significados. Quando você aprende inglês, você treina o cérebro para reagir de um modo particular a sons particulares. Acontece que o protocolo pode ser hackeado (Barry, 2015, p. 161).

Hackear, nesse caso, equivale a interferir no modo como o cérebro do interlocutor reage ao receber as palavras que deve processar. Apesar de parecerem exagerados os fatos ficcionais enredados pelo autor, na história da humanidade são célebres os episódios em que oradores carismáticos e habilidosos conseguiram persuadir grandes multidões. Atingidas pelos discursos, em um contexto no qual há o peso de forte comoção, favorável à adesão de pessoas a ideias de mudança e progresso, elas passaram a agir ou a se comportar de uma forma pouco autônoma, adotando uma conduta impessoal, tendo em vista a realização de um programa externo, pois foram convencidas pelo referido orador.

Na política e na religião podem ser encontrados muitos personagens com tais habilidades de enunciação e persuasão, a exemplo de Alexandre Magno, Winston Churchill, Adolf Hitler, Antonio Conselheiro, Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Jim Jones, e os atuais líderes religiosos neopentecostais, cujos discursos influenciam o comportamento dos fiéis.

Os grandes grupos humanos costumam seguir uma voz. Eles não são autônomos. Enquanto ente coletivo precisam de uma liderança para lhe dar um rumo. Tal é um exemplo da força da palavra. Tal é o exemplo do poder que pode se situar nas mãos de uma pessoa com talento e habilidade para usar a palavra. Não raro, ouve-se dizer que essas pessoas possuem um forte magnetismo. Um magnetismo capaz de colocar em ação seu desejo através de instituições ou espaço social estruturado designado “campo” por Bourdieu (1997, p. 57), representando um espaço de forças em que “há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço que é também um campo de forças”.

Em todo espaço de forças há a palavra, enquanto intermediadora entre pensamento e ação, que é determinante para os deslocamentos dentro dos espaços de poder. Para Foucault (1979, p. 12), todo discurso validado como “verdade” na sociedade produz efeitos regulamentados de poder. Nas palavras do autor:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções [...]. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

As leis são um exemplo. Criadas e promulgadas, passam a influenciar o comportamento das pessoas. Elas são um discurso prescritivo, são palavras de ordem que, em princípio, servem para horizontalizar o tratamento dos cidadãos em termos de justiça, o que não é de toda uma verdade, pois enquanto alguns são tratados com rigor pelos representantes da lei, outros recebem um tratamento complacente e até indevidamente amigável.

Entretanto, a grande massa se resigna diante da lei, ainda que as decisões judiciais sejam proposital e flagrantemente contrárias à justiça. Isso se deve ao poder que é colocado em ação por meio da palavra. “É preciso encontrar as formas de elaborar, pela discussão e pela informação, esta necessidade de revide que existe, com efeito nas massas” (Foucault, 1979, p. 62). A palavra, nesse caso, é uma espécie de eufemismo para força, e a reunião das palavras compõe o discurso necessário para o revide.

Não se pode descartar também a polifonia – superposição de vozes manifestada em atos de enunciação – como uma forma de um sujeito, ainda que coletivo, ser influenciado pelo poder das palavras. Segundo Ingedore Villaça Koch, dependendo da concepção de língua que se assuma tendo em vista estudar o texto e seus sentidos, têm-se diferentes concepções de sujeito. Se a língua é concebida como representação do pensamento, o sujeito é visto como um construtor de representações mentais, as quais deseja que seu interlocutor capte da maneira como se mentalizou. Por outro lado, quando se considera a língua como uma estrutura, tem-se um sujeito assujeitado pelo sistema, em que:

[...] o indivíduo não é dono de seu discurso e de sua vontade: sua consciência, quando existe, é produzida de fora e ele pode não saber o que faz e o que diz. Quem fala, na verdade, é um sujeito anônimo, social, em relação ao qual o indivíduo que, em dado momento, ocupa o papel de locutor é dependente, repetidor. Ele tem apenas a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ilusão necessária, de que a ideologia lança mão para fazê-lo pensar que é livre para fazer e dizer o que deseja. Mas, na verdade, ele só diz e faz o que se exige que faça e diga na posição em que se encontra.

Isto é, ele está, de fato, inserido numa ideologia, numa instituição da qual é apenas porta-voz: é um discurso anterior que fala através dele (Koch, 2006, p. 14).

Pode-se dizer ainda que não é gratuita nem fortuitamente que advogados são encarregados de defender pessoas com demandas na justiça. E sua arma é a palavra. Precisam ser oradores competentes e convincentes para poderem atrair para seu lado o desejo dos jurados, que por sua vez acabarão condenando ou absolvendo o réu, ou cujas escolhas se desdobrarão em uma pena mais branda ou severa. A expressão do veredicto do jurado, ou do próprio conselho de sentença, é marcada pela voz do advogado cuja oratória tiver parecido a mais convincente. A decisão do conselho será, na verdade, a tese desse advogado.

Ainda em relação ao aspecto da polifonia, uma forma bastante comum como as palavras circulam é por meio dos livros. Os livros têm potencial para influenciar pessoas, alterando sua forma de pensar e predispondo-as à ação. Não por acaso diversos livros foram ou ainda são alvo de interdição ou destruição. Na história da leitura são típicos os relatos sobre o monitoramento desta prática, como tentativa de impedir a livre interpretação de textos cujo teor é visto por autoridades como tendo um único significado.

O modo como os cristãos ensinam a ler a sua Bíblia é um exemplo de monitoramento, de inserir um locutor em uma ideologia, tornando-o seu porta-voz. Jean Hebrard (2011, p. 63) conta que no século XVI, Menocchio, moleiro italiano, foi levado à fogueira pela Inquisição porque “não soube encontrar o sentido esperado por todos. A ‘verdade’ dos textos que teve em suas mãos”:

Muito ao contrário, Menocchio parece ter tido sempre um prazer maligno em tirar a lição de uma obra a partir de um detalhe desta, em tomar a imagem em sua significação mais concreta, em desviar metáforas etc. Logo, o moleiro não aprendeu a controlar (ou fazer controlar) suas leituras. Estas são literalmente ‘desencadeadas’ e produzem os efeitos mais perniciosos aos olhos de uma Inquisição inquieta (Hebrard, 2011, p. 63-64).

Em casos assim, há o temor de que ocorra o contrário de algum efeito esperado. Dadas as múltiplas possibilidades interpretativas de um texto, o leitor pode produzir sentidos conforme sua própria perspectiva, e não em conformidade com o desejo de quem está no controle.

Acrescente-se à discussão o temor de pronunciar determinadas palavras, pois a elas está associado um significado amedrontador. É o caso de doenças cujo nome não era recomendável dizer, como a lepra. Pronunciar esse nome, em tempos remotos, quando ainda não havia tratamento para a doença, causava o temor de adquiri-la. Obviamente, esse comportamento se deve a uma tradição fundada no medo e na ignorância, no desejo de não ser vítima da referida enfermidade.

As diferentes formas como as palavras podem ser usadas e efetivamente são, como instrumento de controle sobre o outro, ou como forma de monitorar a si mesmo, não se esgotam aqui. Ademais, o modo como se adquire a capacidade de usar as palavras se dá basicamente de duas maneiras: tacitamente e formalmente. A próxima seção faz uma abordagem da educação formal como estratégia para aprender a usar esta ferramenta.

### **3 O ATO DE EDUCAR COM VISTAS AO EXERCÍCIO DO CONTROLE SOCIAL POR MEIO DO LÉXICO**

A expressão “controle social”, conforme o título da seção, foi empregada com o sentido de sucesso do ato de persuadir. O que torna possível a persuasão, segundo Eliot, personagem de *Léxico*, é que todos têm desejos: “A coisa mais fundamental sobre uma pessoa é o desejo. Ele a define. Diga-me o que uma pessoa quer, realmente quer, e lhe direi quem ela é, e como persuadi-la” (Barry, 2015, p. 163).

A própria obra, em seu capítulo Um, Parte II, apresenta um exemplo que, embora bastante presente na contemporaneidade, poucos percebem que se trata de uma forma de comprometer pessoas sem que elas se deem conta, por meio das redes sociais:

É o futuro. Todo mundo está fazendo páginas para si mesmo. Imagine cem milhões de pessoas respondendo a pesquisas e teclando sobre seus programas de TV, produtos favoritos e tendências políticas, dia após dia. É a maior análise de dados do mundo. E é voluntário. Isso é o mais engraçado. **As pessoas resistem a um censo, mas é só lhes dar uma página de perfil e elas passarão o dia inteiro lhe dizendo quem são** (Barry, 2015, p. 127, grifos nossos).

Navegando pelas páginas dos perfis de usuários de redes sociais, observa-se que a vida de alguns deles é demasiadamente exposta por meio de imagens

fotográficas, ou de participação em grupos que se propõem a discutir temas bem específicos, ou ainda por meio de compartilhamento de conteúdos ou das postagens que fazem. Outros são mais contidos e reservados, pois sabem que tal atraente e convidativa exposição, ainda que pareça segura, revela informações as quais podem ser empregadas por outros usuários para fins danosos ou comprometedores.

Nesse sentido, a abordagem realizada na obra de Barry pode ser considerada pouco fantasiosa na medida em que discursos na vida real alteram o comportamento das pessoas e causam, de um lado, ações vistas como construtivas, como o altruísmo, a arte, a cura; e de outro, ações destrutivas, como o crime, a guerra, a opressão. No fim das contas, são possibilidades inerentes a qualquer ser humano, pois humanos constroem e destroem. Entretanto, não se trabalha aqui com a mínima hipótese de que há uma forma de exercer efetivo controle mental sobre o outro apenas operando sobre seu desejo. Tal pode ser uma pretensão daqueles afeitos a telepatia ou ocultismo, processos esses distantes do escopo das ciências.

Como saldo, a palavra deve ser entendida como uma ferramenta de poder e de controle. Falar, no sentido de enunciar, é um ato de persuasão. Nem sempre se efetiva, mas, como intenção primordial, seu objetivo é persuadir, fazer o outro fazer algo que se deseje, seja com ações ou com abstenções, levando o interlocutor a falar ou a silenciar. Tal é a consequência de fazer parte de um processo comunicacional: persuadir ou ser persuadido, comprometer ou ser comprometido.

A princípio, a personagem Emily usa seu poder com a linguagem, desenvolvido tacitamente, para atrair transeuntes nas ruas de São Francisco, Califórnia, para um jogo de cartas, o qual ela manipula com grande maestria. Contando apenas 16 anos de idade, ela consegue persuadir as pessoas em geral que circulam pela cidade. Identificado o seu potencial, ela é recrutada por um agente da organização, em cuja escola são treinados adolescentes e crianças.

O objetivo da organização era formar especialistas em personalidade humana com o intuito de persuadir pessoas através de palavras. O nome dado a essas pessoas pela academia é "poetas". Ao adquirir o *status* de poeta, os alunos passam a ser chamados pelo nome de algum célebre autor da literatura, a exemplo de [William Butler] Yeats, [T. S.] Eliot, Charlotte Brontë, Virginia Woolf, Silvy Plath, [Rosalía] de Castro e [Johann Wolfgang von] Goethe.

Dentre esses personagens, cabe refletir sobre a personalidade de Yeats, Eliot, Brontë e Woolf e verificar se há alguma semelhança com os escritores a que se referem, criando uma hipótese sobre a escolha de tais nomes por Barry. Yeats era irlandês. Além de ser poeta e dramaturgo, era envolvido com misticismo. Era um líder, tendo empreendido diversificadas atividades, chegando a atuar como senador. Segundo Burgess (1996, p. 252), “sua sintaxe firmemente tecida e seu poder retórico permanecem entre as mais incríveis realizações da língua inglesa”. Eliot foi um escritor brilhante, tendo recebido o prêmio Nobel de literatura de 1948. Charlotte era a mais velha entre as três célebres irmãs Brontë, espécie de orientadora, referência para as demais, também trabalhou como governanta (Cody, 2017). Virginia Woolf era uma escritora que não concordava com o *status quo* da mulher como um ser submisso e sem voz; sua poesia era vigorosa e revelava uma personalidade rebelde diante do conservadorismo de sua época. Com inclinações homoafetivas, sofria num mundo que não a compreendia. Em ato suicida, tirou a própria vida em 1941 (Belém, 2017).

A personalidade atribuída aos personagens que usam esses nomes como poetas, na obra, reflete a dos escritores reais. Yeats tem pretensões de dominação; Eliot é seu colaborador mais competente; Brontë é a diretora da escola; e Woolf é a poeta indomável. Sofrida, vivia nas ruas antes de ser recrutada. Sem frequentar escola, não tinha acesso a um sistema de educação, a não ser a própria vida, com as experiências cotidianas.

De todos os alunos recrutados, Emily é destacada na narrativa pelas habilidades empíricas com a linguagem, o que lhe permitia sobreviver nas ruas. O recrutador de Emily enuncia o que pode ser considerado uma crítica ao modo como a educação é empreendida nas escolas em geral: ensinam coisas que não têm utilidade. Os alunos não conseguem fazer uso efetivo daquilo que é ensinado nas instituições de ensino.

– Você foi para a escola – começou Lee. – Isto é, em algum momento da vida. E não combinou muito com você. Eles quiseram lhe ensinar coisas para as quais você não ligava. Datas, matemática e histórias sobre presidentes mortos. Não lhe ensinaram persuasão. A habilidade de convencer é o único determinante para a sua qualidade de vida, e as escolas não abrangem isso. Pois bem, nós abrangemos. E estamos à procura de alunos com aptidão natural (Barry, 2015, p. 36).

Por extensão de sentido, pode-se depreender que a obra dirige uma contundente crítica às escolas do mundo real, onde grande parte do que se estuda não faz sentido para os alunos, não refletindo as necessidades da vida em sociedade. Fica subentendido que elas oferecem um conhecimento com o qual raramente os alunos conseguem transcender das situações artificiais típicas do ensino formal para situações concretas extraescolares. Alunos com “aptidão natural”, por conseguinte, estariam mais bem preparados para a vida, e com maior potencial para aprender em uma escola com a preocupação de oferecer um currículo significativo.

Durante os primeiros meses em que frequenta a academia, Emily não compreende o sentido do que estuda. Ao final do primeiro ano, contudo, ela consegue fazer conexões entre os diferentes assuntos. Ela própria passa a sentir o desejo de colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas e nas leituras. E este é um ponto que merece destaque na discussão. Emily, ao entrar naquela academia, “não tinha lido nenhum livro desde os oito anos”, e, questionada sobre isso, indicou “Princesa Lily salva o mundo” (Barry, 2015, p. 61). Cabe ressaltar: um livro sem reconhecimento acadêmico. Por força do desejo de desenvolver a competência em questão, ela começa a procurar obras cuja leitura lhe fornecesse os subsídios dos quais precisava para melhorar a sua capacidade de compreender aquilo que estudava, e de usar os conhecimentos adquiridos, enfim, dar sentido ao que lhe era ensinado.

Contudo, a vida implica muito mais do que apenas o poder advindo do conhecimento científico, com perspectivas de uso meramente pragmáticas. A garota que perambulava pelas ruas de uma grande cidade, sem casa e sem família, sem perspectiva a não ser viver “de oportunidade em oportunidade” (Barry, 2015, p. 333), acaba por ser usada por Yeats. Ele determina o seu exílio em Broken Hill, pequena cidade no interior da Austrália. E é exatamente lá que ela encontra uma perspectiva positiva para a sua vida. Ela descobre o amor. Apaixona-se por um paramédico chamado Harry Wilson.

Pode ter pesado, na escolha de Yeats, o fato de ela ser a única, entre os alunos, que além das habilidades teóricas aprendidas na escola dos poetas, tinha as habilidades práticas que envolvem empatia e sentimentos outros que talvez pudessem facilitar um relacionamento amoroso com alguém. A leitura sugere que

tudo fora pensado, em todos esses detalhes, por Yeats, levando em conta que Emily já era vulnerável devido ao relacionamento abusivo que tivera anteriormente ao ingresso na escola da organização.

Levada de volta para Washington, onde se localiza a academia, ela passa à condição de poeta, e recebe o nome Virginia Woolf. Sua atribuição explícita é analisar gráficos referentes a testes realizados com pessoas comuns que se submetem por compensação financeira. Forçada a deixar Broken Hill, ela se afasta de Harry. Sem perceber que age comprometida por Yeats, Emily rouba a palavrária, retorna a Broken Hill e vai ao encontro de Harry.

Palavrária é um objeto preto de madeira petrificada no qual há uma inscrição. O contato com esse objeto torna uma pessoa qualquer comprometida. Emily tem o cuidado de transportar o objeto de forma camuflada, evitando, assim, se vitimar. Em virtude do comprometimento efetuado por Yeats, mas sem consciência desse fato, ela carrega a instrução de usar a palavrária para ordenar aos que tenham contato com esse objeto que matem todos que encontrarem.

Trata-se, na verdade, de um teste que Yeats desejava fazer com a palavrária, para conhecer a extensão do seu poder. O comando é deflagrado por Emily. Os habitantes de Broken Hill matam-se uns aos outros. Apenas Harry e Emily se salvam. Ela, por saber como se defender; ele, por ser imune ao poder do objeto.

Tal é o cerne do romance, em que a palavrária é a metáfora da palavra em sua máxima significação de objeto de poder. Um poder sobre o qual é possível desenvolver conhecimento e método de uso. Yeats, nessa trama, representa o sujeito que detém o conhecimento científico, a consciência, a razão, o desejo de onipotência. Emily representa o ser que transita entre o senso comum e a ciência, entre o saber sem consciência e a consciência do saber, que vive no mundo da razão e também no das emoções. Harry, por outro lado, representa a simplicidade da ignorância benfazeja, o conhecimento tácito, do homem que sabe sem saber como nem por quê, o que é atestado pela sua imunidade.

Yeats, teoricamente, é o mais forte de todos esses personagens, pois ele é o que mais desenvolveu a capacidade de comprometer e de evitar ser comprometido. Ele é capaz de analisar com grande rapidez um interlocutor e reduzir ao mínimo a quantidade de segmentos da personalidade a que pode pertencer. Yeats encarna a razão, e o desejo de ter poder, de ser absoluto como ser poderoso. Um ser que diz

crer que poder não é dominar, mas marcar o mundo. Um ser que não crê na existência de um Deus, mas crê que pode construir um Deus em sua própria mente. Um ser que se considera capaz de ser bem-sucedido na posse de poder mais do que todos os que já tentaram, pois imagina ser capaz de não se corromper. Contudo, ao desenvolver tais sentimentos, já está claramente corrompido. Uma corrupção que se mostra na vaidade extrema com seus sapatos, e uma grande aversão ao desleixo com que outras pessoas tratam os delas.

Emily representa o ser volúvel, incontido, que se corrompe com grande facilidade, cujas metas são demasiadamente imediatistas. Nesse caso, segundo o próprio Yeats, ela tende a pensar apenas na próxima oportunidade. Não obedece a regras, e age de forma promíscua, causando frequentemente danos a si mesma e àqueles de quem se aproxima. Talvez tendo sido esta uma estratégia para sobreviver nas ruas, razão pela qual ela pode ter visto a ideia de fazer parte da escola como uma forma de se salvar daquele caos.

Harry representa o cidadão comum, distante desse universo acadêmico, uma pessoa que apenas deseja viver uma vida típica, trabalhando para ganhar a vida, de forma apaixonada, e participando de eventos sociais prosaicos, como sair para beber, namorar e caçar.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra *Léxico* retrata o poder que se pode obter por meio do domínio da palavra. Um poder que alguns desenvolvem como aptidão natural, sem que para isso seja necessário estudar formalmente. Tal é um poder que deveria ser colocado à disposição de todos, nas escolas, onde se estudam línguas e outras disciplinas pelas quais a capacidade de usar a linguagem verbal pode ser aprimorada. Entretanto, não é o que ocorre na prática.

Essa é uma das críticas percebidas na obra de Max Barry. O potencial de crianças e jovens é perdido em meio a conteúdos sem importância, ou cuja abordagem não revela uma conexão com alternativas de uso transcendente daquilo que se aprende nas escolas. O personagem Emily é a mimese desse aluno cuja aptidão e cujo potencial para o uso da palavra é aprimorado por meio de aulas e de

leituras em uma escola cujo objetivo é não apenas ensinar, mas especializar os estudantes, explorando ao máximo o seu potencial.

Essa escola, do modo como foi ficcionalizada por Barry, aparenta ser a receita da escola ideal. Contudo, um rápido exame revela que ela carece de valores sem os quais a sociedade pode se tornar ao mesmo tempo extremamente desenvolvida científica e racionalmente, mas pobre em emoções, pois, mesmo as humanidades, nesta escola, têm em vista a formação de pessoas que se ocultam por trás de disfarces linguísticos e comportamentais ou de silêncio, pois sabem que sua personalidade pode ser lida caso se abram, mostrando emoções, emitindo opiniões, contando segredos, revelando idiossincrasias. Mesmo os mais experientes e que alcançaram excelente nível de desenvolvimento reprimem seus desejos, proibindo a si mesmos de se entregarem ao amor. É o que ocorre com Eliot e Charlotte, dois dos poetas mais proeminentes.

O resultado dessa educação não é uma sociedade melhor. Pelo contrário, dela emergem seres sem emoção, com tendências a manipular, capazes de produzir danos, abusos, exploração, e outras formas de oprimir possibilitadas pelo poder. Poetas é o nome atribuído aos alunos que alcançam o nível de excelência nessa escola. Sabem ler personalidades e usar as palavras apropriadas para persuadir e tirar proveito dos que ignoram a existência dessa capacidade. Assim fez Lee, quando tentou persuadir Emily a fazer sexo oral nele. Assim fez Eliot, ao persuadir pessoas comuns a lhe entregarem seus carros. Assim fez Emily, ao comprometer Mark, um agente de imigração do aeroporto, para facilitar sua permanência na Austrália. E assim fez Yeats, ao comprometer Emily para realizar o teste com a palavrária. Um teste em que o conhecimento e a moral ensinados naquela escola foram usados para eliminar a população de uma cidade.

Palavras podem ser usadas para dissimular atitudes opressoras ou repressoras. Se o que melhor caracteriza o homem é a linguagem, a educação escolar deveria primar por não ensinar apenas palavras áridas, pois a consequência mais previsível é o desenvolvimento de pessoas igualmente áridas.

## **REFERÊNCIAS**

BARRY, Max. **Léxico**. Trad. Domingos Demasi. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

BELÉM, Euler de França. **Woolf tentou curar sua loucura pelo suicídio.** Disponível em: <http://www.revistabula.com/2229-virginia-woolf-tentou-curar-sua-loucura-pelo-suicidio/>. Acesso em: 02 fev. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Tradução de Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa.** São Paulo: Ática, 1996.

CODY, David. *Charlotte Brontë: A Brief Biography.* Disponível em: <http://www.victorianweb.org/victorian/authors/bronte/cbronte/brontbio.html>. Acesso em: 06 mar. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? *In*: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura.** Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 35-74.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss ilustrado:** integralmente adaptado ao acordo ortográfico. Diretor do projeto Mauro de Salles Villar; Coordenação Laura do Carmo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SBPNL. **Entenda o que é a Programação Neurolinguística.** Disponível em: <http://www.pnl.com.br/programacao-neurolinguistica/o-que-e-pnl-/entenda-o-que-e-a-programacao-neurolinguistica>. Acesso em: 31 jan. 2017.